

SEQUÊNCIA 2

A galeria dos heróis em *Mensagem*

A *Mensagem* reafirma a cada passo a mesma repugnância pelo carnal [...].

São as potências do invisível, o *mito* (“nada que é tudo”), a lenda, a chama que desce a iluminar o herói, são essas potências que, *fecundando* a realidade, tornam a vida digna de ser vivida, ou melhor, transformam a *existência*, mero vegetar, em *vida*, quer dizer, promessa do que não há, perseguição do Impossível, grandeza de alma insatisfeita. [...]

Deus, ou os deuses, talharam o destino dos povos. “As nações são todas mistérios. / Cada uma é todo o mundo a sós”. Sem existir (as forças ocultas é que valem), Ulisses criou Portugal. Segundo o mesmo plano divino, por instinto, D. Tareja amamentou o Fundador. Depois, a ideia foi encarnando sucessivamente nos homens que fizeram Portugal. Nos momentos-cumes, o braço do herói é movido pela vontade divina: “O homem e a hora são um só / Quando Deus faz e a história é feita”. [...]

A *Mensagem* é também um elogio do Português, desvendador e dominador de mundos. O que o define não é a ânsia do poderio terreno mas a fome de Absoluto, um ideal cujo escopo pertence à “alma interna”. [...] Os heróis da *Mensagem* olham e agem obsidiados por um misticismo de objeto longínquo, indeterminado. [...]

A galeria dos heróis, que Deus sagrou “em honra e em desgraça” para a nostalgia e demanda do Infinito (“*O mar sem fim é português*”), está na *Mensagem* em função do futuro que nebulosamente prenunciam. Depois dos medalhões do “Mar Português” vêm os símbolos e avisos do Encoberto. O passado, na lógica misteriosa das nações, inclui o porvir. Os pinhais de D. Dinis, ao serem agitados pelo vento, sussurram como “um trigo de Império”, prefiguram o marulho das ondas que as naus profundas hão de sulcar. O plano transcendente vai-se realizando, *tem de ser*. A predestinação nacional lê-se nas trovas do Bandarra. Por isso o poeta sabe com íntima certeza que Portugal vai cumprir-se.